

BOAS PRÁTICAS DE PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES E MENINAS POR MEIO DO ESPORTE





APRESENTAÇÃO



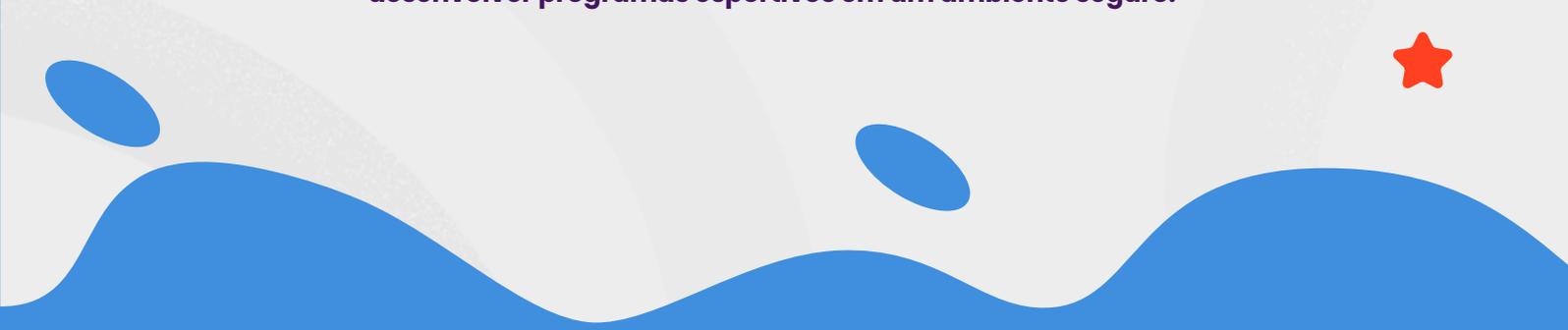
Na adolescência, as meninas passam por grandes mudanças corporais e sociais que as colocam em maior grau de vulnerabilidade. É uma fase em que existe pressão social para um controle mais rígido sobre seus corpos, que tendem a ser objetificados pelos meninos, pelos homens e pela mídia, deixando-as mais suscetíveis à violência e às doenças sexualmente transmissíveis.

Segundo a ONU Mulheres Brasil, na puberdade, 49% das meninas abandonam a prática esportiva, e a autoestima delas tende a cair duas vezes mais em comparação à dos meninos. Além disso, elas recebem pouco incentivo para ocupar espaços socialmente construídos como sendo de dominação masculina.



A exclusão das meninas do esporte, tanto pela falta de oportunidades quanto pela pressão dos estereótipos de gênero, impede que elas desenvolvam seu pleno potencial. Isso faz com que a adolescência seja uma fase de suma importância para intervenções que busquem reverter essa realidade e estimulem o potencial das jovens enquanto agentes transformadoras de sua realidade social.

Esta cartilha lista estratégias para prevenção à violência contra mulheres e meninas por meio do esporte e boas práticas para desenvolver programas esportivos em um ambiente seguro.



Aproximando meninas da prática esportiva

Meninas e mulheres são submetidas a algum tipo de violência todos os dias. Em 2020, **uma em cada quatro mulheres** informou que **sofreu**, nos últimos 12 meses, **alguma forma de violência**, seja física, psicológica ou sexual.¹ Os impactos desse problema social atingem a vida de mulheres em todos os níveis, especialmente as mulheres negras e em situação de vulnerabilidade.



Você sabia que as mulheres já foram proibidas de jogar bola?

O Brasil, que é conhecido mundialmente como o “país do futebol”, **proibiu as mulheres de jogar essa modalidade por quase 40 anos.** De 1941 a 1979, o Decreto-Lei 3.199 proibia as mulheres de praticarem uma série de modalidades como futebol, atletismo, polo aquático e lutas sob o argumento pseudocientífico de que o corpo feminino não era adequado para essas práticas. A proibição atrasou o desenvolvimento da modalidade e gerou um preconceito contra o futebol de mulheres que perdura até hoje, inclusive entre gestores de organizações esportivas. Por isso é importante que as instituições garantam a proteção física e emocional de meninas que participam de programas esportivos.

O ambiente esportivo com frequência reproduz as relações desiguais de poder entre homens e mulheres e reforça a violência de gênero. No entanto, o próprio esporte possui qualidades inerentes que podem torná-lo uma ferramenta poderosa para o rompimento dos ciclos de violência, como a **possibilidade de desenvolver, em meninas e mulheres, habilidades de análise crítica e tomada de decisão, autoestima e liderança, trabalho em equipe**, entre outras.

Para mais informações, acesse o **Guia Internacional de Combate à Violência de Gênero por meio do Esporte**, em inglês (<http://guides.womenwin.org/gbv>).

¹ Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Visível e Invisível: A Vitimização de Mulheres no Brasil – 3ª edição – 2021.

Construção de espaços seguros

Para que o programa esportivo seja bem-sucedido em seus objetivos, é **necessário um espaço emocional e fisicamente seguro para que as meninas se sintam livres para se expressar e discutir abertamente suas experiências e medos**, sem se preocupar com julgamentos, ameaças ou intimidações. Um espaço onde estejam também protegidas de danos corporais, incluindo abuso sexual e lesões físicas acidentais, e possam aprender a identificar e denunciar casos de violência.

Por se dar a partir de elementos variáveis, o espaço seguro precisa ser constantemente avaliado e ajustado pelas profissionais envolvidas no programa e pelas próprias meninas. Uma equipe de profissionais confiáveis e preparadas para lidar com o assunto é primordial para o sucesso deste objetivo.



Atenção ao contexto social local

É fundamental que as estratégias de cada programa sejam elaboradas levando em conta o contexto social e a realidade local no qual está inserido. Assim, a colaboração dos membros da comunidade, com troca de experiências e vivências, é parte essencial na elaboração, implementação e manutenção de um programa esportivo.



Ações para engajar a comunidade no programa

- ★ Organize **eventos na comunidade**, incluindo torneios esportivos.
- ★ Realize **reuniões formais** com os membros da comunidade para apresentar o programa e seus benefícios.
- ★ Faça **visitas domiciliares** aos pais e responsáveis das participantes do programa.



Uma das estratégias usadas pela OnG *Instituto Companheiros das Américas* (ICA) é enviar cartas a todos os parceiros locais comunicando quando uma nova turma do programa será iniciada. Outra estratégia é o uso dos meios de comunicação locais, como jornais e rádios comunitárias, para divulgar o período de inscrições e as ações do projeto.



Empoderamento, liderança e autoestima

No ambiente esportivo, meninas e jovens mulheres têm o potencial de assumir posições de liderança, expressar opiniões e adquirir melhor percepção de suas próprias capacidades, estendendo essas habilidades para outras áreas de suas vidas.

Desta maneira, a prática do esporte torna-se uma ferramenta efetiva para a emancipação feminina e para a resignificação dos espaços e dos papéis de gênero, fortalecendo a quebra de paradigmas, preconceitos, estereótipos de gênero nocivos e incentivando o empoderamento dessas meninas e jovens mulheres.

A *OnG Empodera* oferece oportunidades para que participantes que já concluíram um de seus projetos, conhecidas como **jovens líderes**, continuem engajadas e se consolidem como modelos de referência para outras meninas do programa. Algumas dessas oportunidades incluem:

- ★ facilitar atividades em treinamentos ou oficinas;
- ★ criar e implementar seus próprios projetos em suas comunidades;
- ★ elaborar materiais de comunicação para as redes sociais da organização.

Para executarem essas ações, as jovens recebem uma bolsa-auxílio, contribuindo assim para seu empoderamento econômico.



Esporte como ferramenta de enfrentamento à violência

Os programas esportivos têm enorme valia nos debates sobre direitos sexuais e reprodutivos, especialmente entre adolescentes, que estão em uma idade-chave para seu desenvolvimento sexual e afetivo. Temas como o uso de preservativos, gravidez na adolescência, planejamento familiar e prevenção de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs) devem ser abertamente tratados nesses programas, com o devido cuidado e responsabilidade que exigem.

O conhecimento ajuda a garantir que essas meninas se mantenham firmes em suas condutas, conhecendo seus direitos, impondo limites e exigindo respeito, o que colabora para o rompimento do ciclo de violência de gênero como um todo.

Outra ferramenta para o fortalecimento da autoestima e da segurança das meninas e mulheres é o **afeto**. Nos programas esportivos, é importante estimular que o grupo exerça elogios às suas colegas, contribuindo para uma convivência harmônica e respeitosa e incentivando a noção de que toda e cada integrante é fundamental para o grupo. Também é relevante promover discussões sobre como as normas de gênero influenciam a expressão do afeto de formas distintas para meninas e meninos.²

²Guia Educação e Esporte para a Igualdade, ONG ProMundo (págs. 87 a 93: https://promundo.org.br/wp-content/uploads/2019/12/guia_esporte_promundo_web-2-1-1.pdf).



Prevenção da violência em espaços esportivos

Além das estratégias de enfrentamento à violência por meio do esporte, também é necessário prevenir a violência que pode ocorrer dentro dos espaços esportivos. Para isso, as organizações que aplicam programas esportivos voltados a meninas e jovens mulheres devem utilizar mecanismos efetivos de enfrentamento à violência, como procedimentos e políticas de proteção infantil, códigos de conduta, criação de canais de denúncia, entre outros.

Se as políticas e procedimentos adequados não estiverem em vigor, o programa corre o risco de se tornar um ambiente propício a abusos, assédios, negligências, discriminações e outras formas de maltrato infantil, inclusive por parte de educadoras/res e treinadoras/res. Essas violências estão sempre atravessadas pelo recorte de gênero, que coloca as meninas em situação de maior vulnerabilidade.

1.

Faça uma autoavaliação do seu programa para entender o patamar de sua organização no que diz respeito à proteção infantil e se tais elementos são sensíveis a gênero.

2.

Elabore coletivamente um **código de conduta**, que será a base da política do programa. Uma ideia é criar uma lista de comportamentos aceitáveis, não recomendados e inadmissíveis. Ele deve ser aprovado, assinado por todas e ficar em um local acessível para consultas.

3.

Crie uma **política de proteção à criança** em linguagem simplificada que mostre a abordagem da organização sobre o tema. Inclua definições básicas, procedimentos para reportar suspeitas e denunciar casos de violação de forma segura e confidencial.

4.

Verifique se os funcionários possuem o perfil ideal para a posição que irão ocupar e se compartilham dos valores da organização. Realize treinamentos e simulações com toda a equipe sobre as políticas e os procedimentos.

Em programas com meninas, procure **contratar também professoras ou treinadoras** para que existam referências de mulheres a quem as meninas possam recorrer.

5.

Contrate um **agente de proteção** à criança ou designe um membro da equipe atual e treine-a/o para exercer essa função.

7.

Comunique e instrua toda a comunidade sobre as **políticas de proteção à criança** e o sistema de garantia de direitos.

6.

Estabeleça **parcerias** com instituições especializadas em proteção infantil, direitos das crianças e das mulheres, organizações de saúde ou de assistência social e psicológica.

8.

Coloque as **meninas no centro da política**. Ao entenderem seus direitos e os procedimentos de denúncia em caso de abuso, terão menos medo de agir.

9.

10.

Revise, monitore e avalie. Crie e implemente ferramentas de monitoramento que permitam acompanhar a implementação e cumprimento da política. Avaliações internas periódicas também são cruciais para medir a eficácia das políticas com base em lições aprendidas, permitindo a realização de ajustes e mudanças necessárias para garantir sua devida implementação.

E LEMBRE-SE:

Implementar essas políticas é um processo gradativo que exige que todos os setores da organização estejam comprometidos e mobilizados para fazer mudanças sustentáveis a longo prazo.

Serviços sociais ou agências governamentais que lidam com abuso e proteção infantil, como Conselho Tutelar, Centro Integrado de Atendimento à Mulher (CIAM), Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), Centros de Referência Especializados de Assistência Social (CREAs) e Delegacia da Mulher também podem ser ótimos parceiros. Parcerias com escritórios de advocacia ou advogadas/os também são importantes para oferecer suporte em casos que necessitem de investigação ou em situações em que ações legais devam ser tomadas.

Exemplos:

Código de Conduta do Programa
“Uma Vitória Leva à Outra”

(https://drive.google.com/file/d/123XAuX0PA5xomqtjeHN8n2_UGHw5zm06/view)

Política de proteção infantil da Women Win
(https://drive.google.com/file/d/1F5PglG9TAiimVDq_4TZ0AZueiesFOAOw/view)

BOAS PRÁTICAS

Garanta um espaço emocional e fisicamente seguro para as práticas esportivas e para a realização das oficinas de habilidades para a vida

Escolha cuidadosamente o local e a estrutura do seu equipamento esportivo. Em determinados contextos, locais fechados podem oferecer mais proteção às meninas

Realize as atividades do programa durante o dia, evitando que as meninas façam o percurso de volta para suas casas à noite

Ensine as meninas a reconhecer situações ou localidades potencialmente perigosas em suas comunidades

Quando possível, providencie transporte para levar as meninas ao programa, ou então organize grupos de responsáveis para acompanhar as meninas no trajeto

Inclua as participantes na criação e implementação de políticas de proteção para que elas conheçam seus direitos e saibam identificar abusos e violações

Estabeleça regras de participação e segurança para todas, todos e todes

Coloque meninas em posições de liderança

Faça discussões sensíveis em ambientes acolhedores e entre pessoas do mesmo gênero

Identifique e ressalte o valor e os benefícios da integração de gênero

Acompanhe a evolução das participantes regularmente por meio de atividades e discussões com metodologias participativas

Meça o impacto das ações de promoção da equidade de gênero

Mantenha os familiares das participantes informados sobre o programa, comunique eventuais mudanças e adote estratégias para envolvê-los de diferentes maneiras no esporte e na atividade física, para que eles possam incentivá-las a seguir progredindo no programa

Desenvolva métodos para se comunicar com as/os responsáveis em casos de emergência dentro e fora do programa, como acidentes ou situações de violência na comunidade

Crie uma caixa para que as meninas possam dar sua opinião, sugerir atividades e fazer perguntas de forma anônima. A caixa deve ser temporária, pois em espaços verdadeiramente seguros, as meninas se sentem confortáveis para se expressar abertamente

A igualdade de gênero beneficia a todas(os/es)!

Aplicar boas práticas e estratégias de prevenção e enfrentamento à violência contra meninas e mulheres ajuda a garantir que o esporte seja um espaço acolhedor e uma ferramenta eficaz de transformação social para elas e para suas comunidades.

Quando as meninas compreendem a dimensão de seus direitos, passam a acreditar em si mesmas e se reconhecem como **agentes de transformação**. Meninas empoderadas impactam positivamente suas próprias vidas e de seus familiares, contribuindo de maneira valiosa para a eliminação das desigualdades de gênero em suas comunidades.

Ao partilhar suas histórias e ocupar espaços antes frequentados majoritariamente por homens, como as quadras esportivas, elas servem de exemplo e inspiram outras meninas e mulheres a fazerem o mesmo. As lições aprendidas no esporte acabam sendo levadas para dentro de casa, onde as meninas passam a ter mais respeito e autonomia sobre suas escolhas e opiniões.

Em um efeito cascata, elas passam a se engajar em outras atividades comunitárias e a transformar também as escolas, igrejas e outros espaços da comunidade ajudando a torná-los mais igualitários a partir das lições aprendidas no esporte.





Este conteúdo é baseado no **“Guia Internacional para o Desenvolvimento de Programas Esportivos para Meninas”**, do “Uma Vitória Leva à Outra”, programa da ONU Mulheres e do Comitê Olímpico Internacional em parceria com as ONGs Empodera e Women Win, e em uma coletânea de iniciativas e produções colaborativas de confederações e organizações esportivas que apoiam a equidade de gênero.



Um programa de



Parceiras implementadoras

